

**O FESTIVAL AMADOR DO CENTRO ARTÍSTICO NAS CRÔNICAS
DE ARTUR AZEVEDO**

Julia Alves COUTINHO
(Orientadora): Prof. Dra. Orna Messer Levin

RESUMO: O presente trabalho foi desenvolvido dentro das atividades do projeto de Iniciação Científica intitulado “Artur Azevedo e o teatro amador”, contemplado com a bolsa Unicamp/SAE. Dentro das atividades do projeto, que tem por objetivo estudar as atividades dos grupos de teatro amador através das crônicas de Artur Azevedo publicadas sob o título *O Teatro* no jornal *A Notícia* entre os anos de 1894 a 1900, foi selecionado um episódio bastante comentado pelo cronista para o desenvolvimento deste trabalho. O festival amador do Centro Artístico ocorreu nos últimos meses de 1898 e reuniu vários grupos que atuavam na época, além de intelectuais comprometidos com a promoção da arte nacional.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Artur Azevedo; teatro amador; festival.

Introdução

No final do século XIX, o teatro na capital brasileira, o Rio de Janeiro, era predominantemente dedicado à representação de peças musicadas, como operetas e revistas de ano, que atraíam bom público. Esse fato era alvo de muitas críticas por parte dos intelectuais e literatos da época, que defendiam que as peças “alegres” deveriam ser substituídas pelas “sérias” de forma a tornar o teatro um espaço de cultura, e não apenas de diversão, como acontecia então.¹

Nessa época o teatro era majoritariamente freqüentado por um público iletrado e de poder aquisitivo relativamente baixo, e que buscava nas representações algum entretenimento após um exaustivo dia de trabalho.

Nesse contexto uma figura muito importante foi Artur Azevedo. Esse escritor era ao mesmo tempo literato e autor de peças musicadas. Enquanto pregava disseminação das peças literárias de reconhecido valor por parte dos intelectuais da época, também defendia a representação das peças musicadas pelas companhias de teatro profissional, pois estas dependiam da bilheteria pra manter-se.

¹ NEVES, Larissa de Oliveira. “O teatro”: Artur Azevedo e as crônicas da capital federal (1894-1908). Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Mais do que defensor dos profissionais do teatro, Azevedo considerava-se um deles, pois estava profundamente envolvido nas atividades teatrais do Rio de Janeiro, comentando-as sempre em seus folhetins, além de ser autor de uma grande quantidade de peças que estiveram em cartaz na cidade no fim do século XIX.

Devido a esse envolvimento, Azevedo teve a princípio alguma antipatia pelos grupos de teatro amador, companhias formadas por membros da alta sociedade carioca que se dedicavam à outras atividades profissionais mas sentiam vocação para a arte dramática. O preconceito sofrido pelos artistas profissionais afastava a maioria dos amadores da possibilidade de seguir a carreira artística.

No entanto, em 1898 por ocasião de um festival de teatro amador promovido pelo Centro Artístico, Azevedo mudou de posição sobre as associações de teatro amador.

As representações do Centro Artístico

As recitas do Centro Artístico realizaram-se no teatro São Pedro entre outubro e novembro de 1898. Essa associação, que tinha como objetivo a promoção da arte no Brasil, realizou o festival com o intuito de atrair para o teatro as classes mais altas da sociedade carioca do fim do século XIX, que não eram freqüentadoras assíduas do teatro na época.

Entusiasmado com o anúncio das representações e com seu propósito, Artur Azevedo afirmou em seu folhetim *O Teatro* do dia 08 de setembro:

Como se vê, o Centro Artístico não descansa nem para tomar fôlego, e afianço-lhes que prepara neste momento alguma coisa que se parece muito com uma revolução... Não se assustem: trata-se de uma revolução... artística. Resta que o público fluminense corresponda a tão nobres esforços, e vá desde já tomar bilhetes.²

O programa trazia um total de sete peças: *O Badejo*, comédia de Artur Azevedo (3 atos); *Ártemis*, ópera de Coelho Neto, musicada por Alberto Nepomuceno (1 ato); *Doutores*, comédia de Valentim Magalhães (2 atos); *Hóstia*, ópera de Coelho Neto, musicada por Delgado de Carvalho (1 ato); *Ironia*, drama de Coelho Neto (1 ato); *As Estações*, episódio romântico de Coelho Neto; *Os Raios X*, comédia de Coelho Neto (1 ato). Elas se distribuíram da seguinte forma³:

² Azevedo, Artur, *O Teatro*. In. "A Notícia", 08/09/1898.

³ Fonte: Teixeira, Orlando, *As seis recitas do Centro Artístico*. In "Gazeta da Tarde", 02, 03, 04, 06, 07, 08, 09, 12, 13 e 14/12/1898

14/10/1898	? ⁴	01/11/1898	04/11/1898	?	?
- O Badejo - Ártemis	- Doutores - Ártemis	- Doutores - Hóstia	- Ironia - Ártemis - Hóstia	- O Badejo - Ironia - Ártemis	- As Estações - Os Raios X

As representações ficaram a cargo das companhias amadoras, ensaiadas em sua maioria por Luiz de Castro, mas também por Artur Azevedo e pelo ator Mattos, também sócios do Centro Artístico. Os amadores foram largamente elogiados por Azevedo nas publicações nos jornais da época.

Azevedo fez ainda comentários sobre pontos referentes a algumas peças que passaram pelo festival. No dia da primeira representação, o autor publicou no *País* comentários sobre o ensaio que havia assistido da ópera *Ártemis*, elogiando tanto o poema quanto a partitura. Após a apresentação da *Hóstia*, a segunda ópera do festival, publicou na *Notícia* críticas sobre a música e a cenografia. Quanto à primeira, afirmou, numa postura de conselheiro, que o compositor Delgado de Carvalho deveria voltar-se para o estudo da técnica, pois ele já possuía todo o resto que seria necessário para o seu sucesso. Sobre a cenografia, não criticou sua qualidade, mas declarou-se surpreso com o dinheiro que havia sido gasto para a sua montagem, afirmando que

com o dinheiro gasto na montagem da *Hóstia*, o Centro poderia montar a *Hóstia* e a *Ártemis*, e mandar fazer salas apropriadas, caracteristicamente fluminenses, para as representações do *Badejo*, dos *Doutores* e da *Ironia*.⁵

Azevedo também comentou *Ironia*, elogiando-a muito. O autor relacionou a peça a uma situação real presenciada por ele, apontando assim as diferenças entre a criação de Coelho Neto e a realidade vivida no teatro brasileiro. No entanto, Azevedo afirma que “*Ironia* é um ramo de oliveira, que fará certamente as pazes entre Coelho Neto e todos os nossos artistas dramáticos”⁶, posto que esse autor, que havia criticado severamente as atrizes brasileiras, fez de sua protagonista uma delas, uma mulher “cheia de amor maternal e, portanto, digna de respeito”⁷.

As recitas tiveram uma avaliação positiva por parte de críticos como Artur Azevedo e Orlando Teixeira. Estes consideraram que o Centro Artístico não pôde atingir seus objetivos plenamente devido ao mau tempo pelo qual passou a capital, fator que conhecidamente causava muitos inconvenientes para o teatro.

⁴ Não foi possível determinar, com base no material lido, a data de algumas representações.

⁵ Azevedo, Artur, *O Teatro*. In. “A Notícia”, 03/11/1898.

⁶ Azevedo, Artur, *O Teatro*. In. “A Notícia”, 10/11/1898.

⁷ *Idem*

O Badejo

Artur Azevedo escreveu *O Badejo* especialmente para a representação do Centro Artístico, portanto provavelmente o fez pensando em um público seria construído pela elite cultural e letrada da época. Relatou no folhetim *O Teatro* que demorou um pouco para chegar ao nome definitivo da peça, que antes se chamara *A escola dos noivos* e *Os namorados*. O título final foi dado, segundo o autor, com a ajuda de sua cozinheira, quando Azevedo leu a comédia para que ela ouvisse.

A recepção do *Badejo* pela crítica da época foi excelente, como o próprio Azevedo comenta no folhetim *O Teatro* de 20 de outubro de 1898. Na ocasião ele tratou caso a caso os defeitos apontados na peça por três críticos: Oscar Guanabarro, do *País*, Luiz de Castro, da *Notícia*, e um autor anônimo que escreveu para *O Mercúrio*. No entanto, ele afirma:

tendo a comédia muitos pontos fracos, fraquíssimos, que não resistiriam a uma análise ligeira, nenhum dos três críticos (aí está o interessante caso) a atacou por nenhum desses pontos, indicando ao contrário, como defeitos algumas coisas que o não são.⁸

Oscar Guanabarro apontou no *Badejo* dois pontos que lhe desagradaram: o título da peça, escolhido a partir de um elemento que tem pouca relevância para o enredo, e o 3º ato, que lhe pareceu um tanto desnecessário, posto que na sua visão a peça já estaria terminada no 2º.

Azevedo defende sua escolha de título justificando o efeito cômico causado por ele. O autor reconhece que o peixe não tem relevância notável para o desenrolar da história, mas não vê problema nisso, citando que muitas outras peças foram intituladas pela mesma lógica. Quanto ao 3º ato da peça, Azevedo considera-o muito bom e acredita que, mesmo que a situação da peça pareça resolvida no 2º ato, o 3º surge com um novo desdobramento, que interessa ao espectador.

Luiz de Castro denominou o final do 2º ato como um tanto melodramático, o que Azevedo considerou um exagero por parte do colega, reconhecendo apenas que existe algum sentimentalismo. Castro reclamou também da opção do autor por terminar os dois primeiros atos com o mesmo personagem em cena. Azevedo rebateu a crítica com numerosos exemplos retirados do “Modelo imortal, o Mestre dos Mestres, o incomparável Molière”⁹. Pela apresentação desse recurso como largamente utilizado pelo dramaturgo francês, Azevedo considerou sua escolha suficientemente justificada.

⁸ Azevedo, Artur, *O Teatro*. In. “A Notícia”, 20/10/1898.

⁹ *Idem*

O crítico anônimo que escreveu para o *Mercúrio* volta-se em sua crítica para a construção dos personagens do *Badejo*, apontando diferenças entre o que toma por intenção do autor ao concebê-los e o efeito que causaram de fato. Azevedo, por sua vez, defende ferrenhamente seus personagens, afirmando que eles possuem sim as características que o crítico lhes nega, exemplificando caso a caso.

É interessante notar que os três críticos, mesmo falando negativamente de alguns pontos da comédia, não deixam de elogiar a obra e mais ainda seu autor, reafirmando a importância deste para o teatro brasileiro da época.

Os Amadores

Antes de entregar seu trabalho ao grupo de amadores do Elite Clube, encarregado de representá-lo no festival, Artur Azevedo procurou conhecer seu trabalho. Assistiu à peça *Helena*, de Pinheiro Chagas, encenada no salão do Clube Ginástico, e publicou no folhetim *O Teatro* de 15 de setembro de 1898 comentários sobre cada ator individualmente, elogiando-os largamente. Como ensaiador do *Badejo*, Azevedo expressou um entusiasmo crescente com o grupo, aconselhando ao público que não perdesse a encenação:

Pois bem: desse grupo saíram os amadores que vão representar o *Badejo*, e, à vista dos primeiros ensaios, afianço desde já que o público, o grosso do público, se for ao teatro, ficará surpreso.¹⁰

No início do mês de outubro do mesmo ano, o autor publicou no *País* uma crônica de total apoio e incentivo às atividades dos grupos amadores no Rio de Janeiro, redimindo-se da visão negativa que lhes havia dedicado no ano anterior. Afirma:

Confesso que, amando apaixonadamente a arte dramática, jamais olhei com bons olhos para o amador, desde que este, saindo da sua órbita, isto é, do “teatrinho particular”, invadia o teatro público. Mas não há dúvida que os nossos amadores dramáticos têm hoje uma situação excepcional; pelas tristes condições, a que desgraçadamente chegou a arte entre nós, eles exercem neste momento uma função com que nunca sonharam.¹¹

Essa “situação excepcional” a qual se refere o autor é a posição de disseminação do teatro literário brasileiro na qual ele coloca os amadores. Para o autor, que defendia profissionais do teatro, sendo ele mesmo um deles, das

¹⁰ Azevedo, Artur, *O Teatro*. In. “A Notícia”, 15/09/1898.

¹¹ Azevedo, Artur, *Palestra*. In. “O País”, 07/10/1898.

críticas de seus colegas literatos em relação à escolha das peças representadas pelas companhias profissionais, estaria nos grupos amadores a saída para o teatro “sério” da época. Como esses grupos não dependiam de bilheteria, teriam a possibilidade de representar as peças literárias, que conhecidamente atraíam pouco público.

Coelho Neto, escrevendo para a *Gazeta de Notícias* no dia seguinte ao artigo de Azevedo no *País*, expressa sua alegria ao ver que o colega se convenceu da importância dos amadores para a arte nacional.¹² Defensor assíduo do teatro “sério”, este autor pregava sempre que os profissionais do teatro deveriam procurar representar peças de valor literário, isentando-se da produção de peças musicadas.

No entanto esse entusiasmo de Azevedo com os amadores parece ter sido mal visto por alguns, que o interpretaram como uma crítica aos artistas profissionais. O autor defende sua posição da crônica publicada no *Teatro* do dia 13 de outubro de 1898:

Eu não comparei o merecimento dos amadores com os dos artistas; o que disse, e repito, é que nos amadores há mais zelo, mais solicitude, mais assiduidade aos ensaios, mais atenção aos conselhos, mais prontidão no decorar dos papéis. Esta é uma verdade tão flagrante, tão incontestável, que nenhuma consideração me obrigaria a disfarçá-la.¹³

Com isso o autor busca estimular os profissionais a mirarem-se no exemplo dos amadores, empenhando-se pela promoção do teatro e da arte dramática e buscando leva-lo a apreciação da sociedade.

¹² Neto, Coelho, *Fagulhas*. In “Gazeta de notícias”, 08/10/1898.

¹³ Azevedo, Artur, *O Teatro*. In. “A Notícia”, 13/10/1898.